

A
Bruxa
DE
Ferro
KAREN MAHONEY

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO

 Editora
Underworld



DIÁRIO DE DONNA UNDERWOOD



MEU PAI MORREU TENTANDO SALVAR MINHA VIDA QUANDO EU TINHA sete anos de idade.

Gostaria de me lembrar dele com mais facilidade além dos meus sonhos – nos quais, é claro, ele ainda é alto e bonito, e muitas vezes me salva do Monstro da Floresta.

Nos meus pesadelos, estou sempre correndo por uma floresta distorcida. As árvores se inclinam à minha volta e sussurram ao luar enquanto eu vou tropeçando por entre elas, tentando desesperadamente não cair. Atrás de mim ouço passos muito rápidos e uma cacofonia de estalos e guinchos. Chego a uma pequena clareira com o som persistente dos meus perseguidores ainda ecoando nos ouvidos.

O toco cinzento de uma árvore ocupa o centro do espaço, e há um machado de lenhador como os retratados nos contos de fadas cravado na superfície de madeira, formando um ângulo. Respiro com dificuldade, meu peito queima, e o medo é como uma garra gelada me oprimindo com uma força que chega a ser dolorosa. Minhas mãos de criança tentam alcançar o cabo do machado, embora eu saiba que não conseguirei removê-lo do tronco.

Eu nunca consigo.

Estou cercada por um estranho coro de vozes que cantam meu fim numa ladainha desumana, mas não sou capaz de ver nada além da clareira, nada além de árvores e escuridão. Há outros ruídos também: sons estridentes e agudos que ferem meus ouvidos e me fazem ranger os dentes.

E é então que meu pai aparece, bem do meu lado. Essa parte é sempre tão clara que não posso deixar de pensar que talvez tenha acontecido realmente dessa maneira. Papai estende a mão para o machado e o arranca com facilidade do tronco, olhando para mim de relance. Vejo nos olhos dele o lampejo da conhecida determinação. Talvez possamos sair dali, afinal. Talvez tudo acabe bem.

— Fique atrás de mim, Donna.

Faço o que ele diz, e começo a rezar assim que me encolho atrás de suas costas largas.

Mas quando o grupo ruidoso aparece na clareira, dois de seus membros cavalgando o Monstro, eu paro de rezar e começo a gritar.



TUDO COMEÇOU COM A FESTA.

Foi isso que Donna Underwood disse a si mesma nos dias seguintes. Se não houvesse deixado Nav convencê-la a acompanhá-lo, talvez tudo houvesse sido diferente. Talvez as coisas não houvessem terminado tão mal.

Mas Donna era incapaz de resistir aos apelos do melhor amigo, Navin Sharma. Tudo que Nav precisava fazer era fitá-la choroso com aqueles grandes olhos castanhos, e ela o seguia com alegria até para o Inferno. Ou, nesse caso, para aquela casa estranha cheia de jovens certos de que ela era a maior maluca do mundo.

O que era praticamente a mesma coisa.

Passar a noite de sábado em Ironbridge não era exatamente sua ideia de diversão, em especial quando boa parte do grupo presente ainda frequentava o colégio do qual ela fora expulsa no ano anterior. Mas Navin estava decidido a ir “à festa mais agitada” da área naquele dia de Ação de Graças. E estava igualmente decidido a levá-la. Seria mais que uma reunião comum, ele havia garantido com grande animação; seria um evento importante organizado por um cara que se formara no Ironbridge High e já havia abandonado a faculdade. Os pais dele eram muito ricos, estavam de férias, e todos estavam comentando a festa havia semanas. Aparentemente, *todo mundo* estaria lá.

E era exatamente isso que ela temia.

Na festa, Donna agarrou a primeira chance que teve de passar tão despercebida quanto fosse possível. Ela encontrou um canto escuro da sala de estar e se apoiou desajeitada na parede, brincando com a echarpe cor de prata, fazendo e desfazendo o nó pelo que parecia ser a centésima vez. Com a calça jeans bordada, a camiseta preta e prata e luvas longas de veludo negro, parecia mais radiante do que se sentia de fato. Para piorar a situação, já começara o dia inquieta e agitada, despertada pela conhecida opressão do medo gelado. Os sonhos sempre a deixavam nesse estado.

Mais cedo naquela noite, ela e Navin haviam saltado do ônibus na Central Station e caminhado na direção da prefeitura de Grayson. Na medida em que a cidade começara a se fechar em torno deles, uma grande massa de energia e ferro, Donna sentira o pulsar do poder sob os pés. A adrenalina a invadira, o sangue corria mais depressa pelas veias, e ela se sentia tonta. As mãos e os braços pulsavam no mesmo ritmo dos batimentos do coração da cidade. E ela soubera que, se quisesse, poderia destroçar os ossos da mão de Navin sem fazer o menor esforço.

Donna era marcada pela magia. Não uma magia qualquer, mas uma ancestral magia alquímica que se mantivera oculta por séculos atrás das lendas. Porém, ela não se sentia especial por saber o que podia fazer. E não se sentia poderosa. Sentia-se apenas completamente e inteiramente sozinha.

Mas essa noite não estava só; deixava Navin levá-la pelas ruas enquanto fingia não estar totalmente apavorada. Os dedos ficavam tensos dentro das luvas favoritas, e ela se esforçou para resistir à tentação de fugir.

— Pare de ser rabugenta, Underwood. Você está nervosa, só isso.
— Navin não conseguia eliminar da voz a nota de humor. Ele bateu de leve na mão dela antes de soltá-la.

Donna estava séria.

— Que motivos tenho para ficar nervosa?

Navin a encarou com sua melhor expressão de “dã”.

Ela bateu em seu ombro de um jeito brincalhão, com mais força do que pretendia. As luvas podiam esconder as tatuagens – aqueles símbolos estranhos que Donna se recusava a mostrar até mesmo a Navin – mas não disfarçavam sua verdadeira força física. Só um dos

muitos segredos que era forçada a esconder. A “história pública” sobre seus braços e mãos era que ela fizera diversos enxertos de pele depois de sofrer graves queimaduras em um incêndio. Donna odiava as mentiras, mas não tinha alternativa (ou, pelo menos, era o que tentava dizer a si mesma). E tinha sempre de ser muito cuidadosa para não demonstrar sua força; havia passado os últimos três anos vivendo na casa vizinha à de Navin, sempre morrendo de medo de fazer alguma coisa que pudesse machucá-lo.

— Ei! Vai devagar, Mulher Maravilha! – Navin massageou o bíceps, depois os flexionou para mostrar a impressionante falta de músculos.

— Desculpa. – Donna não conseguiu conter um sorriso. Às vezes Navin era um tremendo idiota, e o amava por isso. Mesmo assim, apesar de serem próximos, havia muitas coisas que nunca contara a ele sobre sua família e sobre a Ordem do Dragão. Muitas coisas mesmo... praticamente *tudo*. E não por não poder contar (não podia, na verdade), mas porque queria protegê-lo.

Ele passou um braço sobre seus ombros quando atravessaram a rua, o que fizeram um instante antes de o sinal luminoso voltar ao vermelho para os pedestres.

— Vamos lá, Don. Está acontecendo alguma coisa, conheço você muito bem.

Ela deu de ombros, incapaz de encará-lo.

— Não entre em pânico, não vou fazer um interrogatório. Não agora. Pode me contar tudo na festa.

Donna fez uma careta.

— Mal posso esperar.

Navin a encarou com ar debochado.

— Você não quer ir. É isso.

Ela fez outra careta.

— Não, *é mesmo*? Festinhas com a “elite” não são exatamente minha ideia de diversão, e eles não vão gostar nada de me ver chegando. Está colocando sua reputação em risco com essa insistência em ir a uma festa comigo.

— Tão jovem, e tão cínica.

— Estou dizendo a verdade, e você sabe disso.

Navin riu.

— Que reputação eu tenho para me preocupar? Sou bom em escapar do radar de chatice das pessoas, só isso. Sou diferente, é verdade, mas não o bastante para alguém se dar ao trabalho de me atormentar.

— Como fazem comigo, você quer dizer – Donna apontou séria.

Navin a conduziu pela calçada onde havia um sem-teto vestindo uma camiseta do AC/DC e um sobretudo longo e rasgado. Outros pedestres passavam pelo homem parado no meio da calçada como água correndo em torno de uma pedra.

— Ah, vamos lá, pare de sentir pena de si mesma.

— Podemos ir embora quando eu não estiver mais me divertindo? – Donna esperava não soar tão vulnerável quanto se sentia.

— Sim, é claro, podemos. Mas isso significa que você vai ter de se divertir *um pouco* antes de pensarmos em ir para casa... – Navin despen-teou o cabelo dela e riu, esquivando-se de um novo soco.

Aquele mesmo sorriso brilhava agora na sala pouco iluminada, um espaço cheio de adolescentes procurando aquela esquiva “diversão”. Donna endireitou os ombros e ergueu o queixo, estudando os grupos de jovens que conhecia vagamente, mas preferia não ter conhecido. Passara boa parte da vida tentando se ajustar, mas tudo havia ficado muito mais difícil depois daquela ocorrência, “o Incidente”. Depois disso, abandonara o Ironbridge High para estudar em casa e ter aulas com a Ordem... todos achavam melhor ela aparecer apenas para as provas, e providências especiais foram tomadas nesse sentido. E assim, ali estava ela agora, cercada por um bando de gente com quem já havia convivido, jovens que a consideravam o pior tipo de fracassada. Uma fracassada com F maiúsculo. Uma maluca.

Apesar de saber que a tarefa era absolutamente impossível, havia prometido a Nav que ao menos *tentaria* se integrar ao cenário. E não tinha mais nada para fazer, mesmo. Teria preferido estar em casa nesse momento, desfrutando da companhia de tia Paige, mas sua tia fora a Boston numa viagem de trabalho e só voltaria mais tarde.

Navin atraiu seu olhar do outro lado da sala mais uma vez e sorriu, os dentes brancos brilhando em contraste com a pele cor de canela. Hoje seus cabelos negros estavam alinhados, penteados para trás e caindo sobre a gola da eterna jaqueta de motoqueiro, uma peça de couro falso vermelho e preto (aparentemente, um acessório indispensável para

pedalar sua velha bicicleta pelas ruas movimentadas de Ironbridge, o que ele fazia como se estivesse em uma pista de motocross).

Donna assentiu e tentou retribuir o sorriso, esperando que Navin não percebesse quanto ela estava infeliz. Não queria arruinar a festa para ele. Mas, francamente, por que ele se dava ao trabalho de tentar integrá-la? Seus ex-colegas de escola jamais a aceitariam. Na verdade, tivera uma prova disso no minuto em que passara pela porta da casa onde acontecia a festa. A primeira coisa que Melanie Swan dissera a ela – ou *sobre* ela, para ser mais precisa – fora dirigida a Navin.

— Por que trouxe a maluca?

Só a mão firme de Navin em seu braço a impediu de arrancar a garrafa de bebida da mão de Melanie e enfiá-la em sua garganta. Ou em algum lugar mais doloroso, ela refletiu furiosa. Navin a prevenira com o olhar, depois, como presidente de turma inexplicavelmente popular, assumira a tarefa de ser cruel com uma boa amiga.

— Eu esperava mais de você, Mel – ele disse, a voz mais cortante que de costume. — Devia dar o exemplo. Um bom exemplo, quero dizer.

Numa reação incrível, Melanie se desculpou. Pediu desculpas a Navin, é claro, não a Donna. Depois, mexendo em uma mecha de cabelo loiro e brilhante, ela passou a agir de um jeito quase charmoso com ele.

Donna sentiu uma certa irritação. Mel estava flertando com Navin? Ridículo.

Balançando a cabeça para apagar dela a imagem desagradável, Donna pegou o copo mais próximo, mas logo percebeu que a bebida continha álcool e a devolveu à bandeja. Não queria desafiar as regras de tia Paige esta noite, especialmente quando era tão importante preservar a lucidez. Não podia correr o risco de perder a cabeça novamente e dar a essas pessoas mais uma justificativa para o ódio que já sentiam por ela. Não porque se importava com o que pensavam; ficaria feliz se nunca mais visse nenhum deles outra vez. Mas não queria causar problemas para Navin.

Porém, pessoas como Melanie Swan desafiavam suas boas intenções.

A pressão de corpos e vozes era perturbadora. A música soava num ritmo pulsante que reverberava nas têmporas de Donna e percorria seu corpo até a sola dos pés. Estudantes animados se cumprimentavam com gritos agudos ou tapas nas costas, com gestos padronizados ou gritos

de guerra. Abandonando todas as ideias anteriores sobre “integrar-se”, Donna aproximou-se de Navin. Perto dele, ficou ouvindo trechos da conversa por um tempo... pelo tempo que suportou se sentir um fardo.

Era hora de sair dali. Pensando que o ambiente no segundo andar poderia ser um pouco mais tranquilo, Donna gritou perto da orelha de Navin o aviso sobre ir procurar um banheiro. Quando ele compreendeu e assentiu, ela o deixou retomar a conversa gritada com os dois pretendentes a ciclistas. Atordoada com o barulho, Donna se afastou do pulsar das caixas de som, passou por um casal que namorava na principal escada da casa, e subiu.

Ali o ambiente era tão agitado quanto lá embaixo. As portas dos quartos estavam fechadas, e os sons que vinham de trás delas a fizeram corar e se afastar depressa. Havia uma fila na porta do banheiro, e na frente dela estavam algumas meninas barulhentas que Donna conhecia. Passando pela única porta aberta num esforço para evitar as ex-colegas de escola, Donna torceu para não se deparar com nada que preferia não testemunhar.

Felizmente, o quarto estava vazio. Um sentimento de paz a invadiu, e ela se perguntou como aquele santuário de tranquilidade podia ter escapado da invasão dos convidados para a festa.

Então, os dedos de Donna formigaram, e por um momento ela acreditou poder sentir a magia.

Parada perto da porta, já do lado de dentro do quarto, ela tentou acalmar a mente enquanto deixava os sentidos irem além do que podia ser considerado... normal. Quando se cresce cercado de magia, é difícil *não* desenvolver uma sensibilidade a ela. Não era de estranhar que os membros da Ordem se dedicassem com tanto empenho a treiná-la nas antigas artes alquímicas.

Depois de um momento, Donna fechou a porta e olhou em volta, tentando identificar sinais de alguma *outra* coisa. Tudo parecia comum agora, e ela especulou se não teria imaginado o sopro de magia.

O quarto era inteiramente masculino, decorado em tons de café e chocolate, com cortinas e abajures cor de ferrugem para contrastar. As luzes estavam acesas, mas reduzidas a um brilho suave. Havia uma guitarra preta e empoeirada em um canto, como uma relíquia de uma adolescência emo, e uma escrivinha em outro canto, sobre a qual havia

um computador que parecia ser muito caro. O closet fechado por portas de madeira escura devia ser bem grande, e havia um banheiro na suíte.

Donna sentiu uma brisa fria acariciando sua nuca e estremeceu, lamentando ter despido o casaco ao entrar. Ao espiar por entre as cortinas fechadas, ela viu a porta balcão ligeiramente aberta de um lado. Além dela havia uma pequena varanda e uma escada de ferro que subia para o telhado.

Por que não?

Estava mesmo precisando de um pouco de ar, mesmo que fosse gelado, um ar quase de inverno. Puxando as luvas para cima de forma a cobrir os braços tanto quanto fosse possível – quase ultrapassando os cotovelos – Donna saiu para a pequena varanda e segurou a balastrada de metal.

Ela subiu o primeiro degrau, sentindo-se insegura na escada que era pouco mais que uma saída de incêndio. A sola de borracha dos tênis de lantejoulas fazia barulho no piso, e ela ouvia o som distante do tráfego lá embaixo. Ao se aproximar do topo e perceber que a altura era realmente grande, ela teve um momento de vertigem. As luvas escorregaram no corrimão de metal e ela segurou com mais força, pela primeira vez grata pela força que a magia multiplicara em suas mãos.

Então uma cabeça surgiu além da beirada do telhado. Donna estava a centímetros do rosto impressionante de um jovem que, obviamente, encontrara a mesma rota de fuga que ela. Seu cabelo loiro escuro parecia brilhar sob o céu claro da noite.

— Estava me perguntando quanto tempo ia demorar para alguém vir aqui estragar a paz e o sossego – ele resmungou com uma voz entediada, sem entonação.

Donna viu o cigarro artesanal entre os dedos do rapaz, e ao mesmo tempo sentiu um aroma doce e enjoativo. Era um cheiro que lembrava um tempo quando sua tia queimava sálvia para limpar a casa.

— Bem, suba de uma vez – ele disse, colocando o cigarro na boca e estendendo as duas mãos.

Donna hesitou por um momento, desejando estar novamente lá embaixo com Navin. Mas ela ignorou a dúvida. A companhia desse desconhecido não podia ser pior do que a de Melanie e seus amigos.

Ela se deixou puxar para cima do telhado.